

Às três horas da manhã, alguns negros escravos ainda podiam ser vistos saindo com barris cheios de lixo e excremento das casas das putas da rua do Regente. Tudo era amontoado num local próximo, criando mais um dos aterros de monturo que enfeitavam a paisagem da cidade do Rio de Janeiro naquele mês de maio de 1886. Certos escravos competiam para ver quem fazia mais rapidamente o maior monte, e bandeirolas eram plantadas no topo das imundícies quando achavam que ali não cabiam mais dejetos. Depois, ficava a população à espera das chuvas, o escoamento natural que levava tudo aquilo para o mar, lavando as ruas e empestando a cidade. Passados os temporais, lencinhos perfumados levados ao nariz faziam com que os ricos e a nobreza fingissem que o precário escoamento fornecido pela City Improvements se comparava à invejável rede de esgotos de Paris.

Na esquina da rua do Regente com a rua do Hospício, uma pálida figura toda vestida de negro, chapéu de abas largas enfiado até aos olhos, espreita a saída dos últimos fregueses. Apesar do calor, enverga uma capa que lhe chega aos pés e aguarda, imóvel. Sob a capa, que lhe frisa a magreza, delineia-se o relevo de um volume indefinido, que tanto pode ser um pacote quanto uma garrucha. Da terceira casa de putas sai uma moça, quase menina, tonta de vinho. A saia vermelha é

aberta de lado até à coxa e os seios estão à mostra, pois a blusa amarela, fina e barata, não resistiu aos ataques vorazes dos frequentadores mais bêbados. Completamente embriagada, ela mal nota a exibição das tetas. Procura um canto menos imundo para vomitar e ri da sua preocupação: «Como é para vomitar, por que não procurar o lugar mais sujo?» No fundo é por pura superstição. Por mais que seja vômito, é dela, e não lhe agrada ver o fruto dos seus engulhos agregado às fezes alheias. Vira num beco escuro e disputa com algumas ratazanas a honra duvidosa de ocupar aquele território. Apoia-se no muro dos fundos de um dos bordéis e, com o queixo debruçado para dentro do quintal da casa, aguarda o engulho. Como se tudo não passasse de uma cena exaustivamente ensaiada de Grand-Guignol, o homem de negro lança-se sobre ela com uma adaga numa das mãos e abre-lhe o pescoço com precisão cirúrgica. Pela goela escancarada jorra uma cascata de sangue misturada à primeira golfada de vômito que já passava pela garganta. Sem pressa, o homem ajoelha-se ao lado da jovem puta. Com a faca, corta-lhe fora as duas orelhas e guarda-as zelosamente no bolso da sobrecasaca. Levantando-se, revela finalmente o volume que a capa ocultava. Nem pacote nem garrucha: um violino. Ele arranca uma corda, o mi, e, erguendo a saia da moça, enrola o fio arrancado da cravelha nos pelos crespos do púbis do cadáver. Saciado, sai tranquilamente pela rua do Regente, tocando um dos vinte e quatro *capricci* de Paganini nas três cordas restantes do instrumento.

A plateia que aplaudia emocionada sentia estar vivendo um momento histórico no teatro do Brasil. Há meses que a cidade inteira se preparara para recebê-la e o Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, na praça da Constituição, no Rossio, tinha sido reformado para esperar a sua chegada. O camarim fora redecorado por madame Rosenvald, da Casa das Parasitas, na

rua do Ouvidor, e ampliado segundo instruções do secretário da atriz, enviadas antes por carta. Havia agora um novo jogo de poltronas, um sofá e um *recamier* de veludo verde estofado. Um biombo separava esta parte do camarim, onde ela receberia as suas visitas, da saleta onde a atriz trocava de roupa. No palco, a deslumbrante, a única, a eterna Sarah Bernhardt agradecia em francês os aplausos brasileiros. A estreia, um dia antes, com *Fédora*, de Victorien Sardou, fora um sucesso colossal, porém, esta noite, *A Dama das Camélias*, não ocorrera sem incidentes. O ator Philippe Garnier, representando o papel de Armand Duval, cometera a imprudência de aparecer com o rosto liso, sem os bigodes lustrosos característicos, até então, do amante de Marguerite Gauthier. Das torrinhas, alguns estudantes ensaiaram uma vaia, lançando pontas de cigarros acesas sobre os elegantes que lotavam os *fauteuils* da plateia. Artur Azevedo levantara-se da sua poltrona e fizera uma defesa veemente do espetáculo, dizendo que La Bernhardt «representava a própria França». O autor conhecera Sarah em Paris, e fora ele quem lhe dera o título de «Divina». No final do espetáculo, quatro meninos de libré entraram em cena trazendo flores a mando do imperador. Colhidas nos jardins do palácio imperial, eram de extremo bom gosto, a não ser, talvez, as vastas hortênsias que compunham o buquê trazido de Petrópolis. Jovens românticos que tinham ocupado as primeiras filas lançaram sobre a Divina uma chuva de camélias, símbolo do abolicionismo, cultivadas no quilombo do Leblon, e ao mesmo tempo uma alusão pouco subtil ao carro-chefe da maior atriz do mundo.

— *C'est pardonnable et c'est charmant...* — dizia *a sotto voce* La Bernhardt aos seus colegas em cena, que continham o riso enquanto tentavam desviar-se da saraivada de flores. A cortina de São Paulo desceu pela vigésima terceira vez.

— *Ça suffit* — dizia Sarah — senão vamos ficar mais tempo a agradecer do que ficámos para encenar a peça. Alexandre jamais nos perdoaria — concluiu, referindo-se a Dumas Filho, autor do texto.

Sarah e a sua companhia tinham chegado ao Rio há poucos dias, no *Cotopaxi*, numa quinta-feira, dia 27 de maio de 1886. Apesar de ser um dos meses mais amenos do ano, ela queixou-se do calor, mas ficou encantada com a recepção no cais do porto e mais ainda quando estudantes desatrelaram os animais da sua carruagem e fizeram questão de tomar o lugar dos cavalos, puxando o veículo através do cais. Depois, a caminho do hotel, quis pedir ao cocheiro que levantasse a capota a fim de melhor observar a paisagem e as pessoas que se amontoavam nas ruas para ver um pedaço daquela francesa, porém o intérprete brasileiro que a acompanhava impediu-a:

— Não, madame. No Brasil não é chique andar de capota levantada.

— Por que não?

— Não sei, madame. Acho que é para dar a impressão de que aqui não faz assim tanto calor.

Agora, não via a hora de voltar ao camarim e tirar as pesadas roupas da personagem. Aos quarenta e dois anos parecia uma menina e a sua energia era quase a de uma adolescente, mas os trópicos são os trópicos. Não teve tempo de fazer o que desejava. À porta do camarim, já a esperava, cercado pela sua comitiva, Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, o imperador Pedro II do Brasil. O soberano vira-a numa das suas viagens à Europa e era dos mais fervorosos adeptos da vinda de Sarah Bernhardt ao Rio. Havia descido de Petrópolis especialmente para a estreia.

— *Vive l'empereur!* — gritou de longe o mito assim que viu Sua Majestade, e quem escutava não podia perceber se havia na exclamação algum toque cínico de troça. D. Pedro II ruborizou-se de prazer. Era a primeira vez que recebia a saudação em francês.

— *Et vive la reine du talent!* — retrucou o imperador.

Os bajuladores que o cercavam comentaram entre si, fingindo falar baixo, como se fosse para D. Pedro não ouvir:

— Que espírito! Que resposta!

No camarim, sentaram-se nos móveis novos que decoravam a saleta. Todos estavam impecavelmente vestidos, com seus uniformes e trajes de gala. Podia ter-se a impressão de estarem eles instalados em algum *salon* de Paris, não fossem as rodelas de suor presentes em todas as axilas. Sarah pediu champanhe ao secretário, Maurice Grau, enquanto se colocava atrás do biombo e, com a ajuda da camareira, arrancava quilos de saias e anáguas empapadas.

— Espero que Vossa Majestade tenha gostado do espetáculo.

— Como não gostar? Só lamento que os nossos palcos ainda não estejam à altura dos teatros europeus.

— Oh, *vous savez*... um palco é só um palco. O que conta é o que se lhe põe em cima...

— Então, hoje, tivemos o melhor, o mais belo e o mais iluminado palco do mundo — respondeu, galante, o imperador. — Só lamentei a ausência, aqui, de uma grande amiga e provavelmente uma das suas maiores admiradoras, a baronesa de Avaré, Maria Luísa Catarina de Albuquerque. Fala francês como nós e fez teatro quando menina, no colégio. As freiras diziam que tinha grande talento. Num auto de Natal encenado pelas carmelitas, fez chorar pais e mães de alunos interpretando um anjo do Senhor.

— E o que impediu tão dotada espetadora de assistir ao espetáculo? — indagou Sarah, sorvendo um gole de champanhe para disfarçar o cinismo da pergunta.

— Imagine que a senhora baronesa era possuidora de um raríssimo violino, um Stradivarius. Pois bem, o seu violino foi roubado há poucos dias e, desde então, dona Luísa anda inconformada. Não há doce de abóbora nem lundu de escravos que a tirem desta profunda melancolia. Os seus negros já comentam que a sinhá está com banzo.

Sarah sorriu sem entender metade:

— Banzô?! *Qu'est-ce que c'est?*

— É como os escravos chamam à melancolia, à tristeza, madame. Sentem falta da mãe África. Imagine a senhora que alguns chegam a morrer de saudade. Aliás, *saudade* é uma palavra intraduzível. Seria mais ou menos *avoir le cafard*.

— E a polícia? O que diz a polícia?

— Infelizmente a baronesa Maria Luísa não gostaria de envolver as autoridades. O violino foi um presente meu e, apesar de a nossa amizade ser puramente platônica, a imperatriz não veria com bons olhos esta história toda nos jornais.

— Pois talvez eu possa ajudar o senhor e a sua baronesa. Imagine, senhor imperador, que sou muito amiga do maior detetive do mundo: Sherlock Holmes. Naturalmente, Vossa Majestade ouviu falar de Sherlock Holmes — disse Sarah.

— Devo confessar a minha ignorância, madame. É a primeira vez que escuto esse nome.

— Por isso é que eu passo a vida a dizer ao seu amigo, doutor Watson, para sacudir a preguiça e narrar as fantásticas aventuras de Holmes. Talvez algum dia o bom doutor siga o meu conselho. Sherlock Holmes é o primeiro detetive dedutivo do mundo. Uma vez, encontrou as joias perdidas de uma cantora russa apenas examinando as roupas que ela havia usado num banquete oferecido ao imperador.

— A mim?!

— Não, Majestade, Napoleão III...

— Não conheço nenhum detetive — respondeu D. Pedro, passando por cima do pequeno equívoco. — Se bem que gosto de ler algumas histórias de mistério. Não sei se madame conhece a prosa de Edgar Allan Poe. Poe criou uma personagem fascinante, um detetive chamado Auguste Dupin. Ele aparece em «Os assassinatos da rua Morgue» e depois em outras histórias, como «O mistério de Marie Roget» e «A carta roubada».

Fiquei muito impressionado, porque Dupin consegue, inclusive, adivinhar o que uma pessoa está a pensar usando tão-somente a dedução.

— Pois tenho a certeza de que essa personagem de ficção não chega nem aos pés de Holmes. Acho que ele adoraria conhecer o Brasil e não saberia como resistir a um convite de Vossa Majestade. Em pouco tempo, descobriria o violino da sua amiga — concluiu Sarah Bernhardt, saindo, esplêndida, de trás do biombo, num magnífico vestido branco. — E agora, se Vossa Majestade permitir, uma ceia está à minha espera no Grande Hotel. Estou morta de fome. Não como nunca antes do espetáculo e estou louca para enfim provar a cozinha brasileira, da qual me falam tanto.

Assim dizendo, a atriz estendeu a mão ao imperador, que a beijou com respeito. Todos deixaram o camarim encantados com o charme da Divina. D. Pedro anotou discretamente numa caderneta o nome do detetive.